

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994. 78p.

Ézio Sauco Socca

RESUMO

Resenha crítica do livro *A história da literatura como provocação à teoria literária*, de Hans Robert Jauss.

Palavras-Chave: História da literatura. Historiografia literária. Teoria da Literatura.

ABSTRACT

Critical review of the book *The history of literature as a provocation to the literary theory*, by Hans Robert Jauss.

Keywords: History of literature. Literary historiography. Theory of Literature.

Em *A história da literatura como provocação à teoria literária*, Hans Robert Jauss principia o texto apresentando os modelos mais comuns de escrita da história e as formas concebidas idealmente para a sua produção, como a exposição em sucessão dos grandes autores, a escrita de uma história da evolução das formas do texto literário ou do agrupamento de autores em escolas sucessivas e concorrentes rumo à superação da anterior. Para explicar os fundamentos filosóficos dessas posições, duramente criticadas ao longo do século XX, e motivo de descrédito da disciplina, Jauss recupera a posição de Friedrich Schiller, de Alexander Von Humboldt e Hegel. Neles, ainda que de maneira mais ou menos determinada, a história possui um princípio teleológico geral que possibilita a evolução da história da humanidade. Assim, são nos fins, em um propósito final da história, que se conseguiria entender o sentido desse desenvolvimento, pois uma revelação se abriria ao término dessa história, apresentando-se como uma necessidade que exauriria essa evolução e exigiria uma nova posição da humanidade diante do real, a saber, diante dos assuntos do estado. Em um caminho semelhante, Humboldt desenvolve os seus princípios para uma história da literatura, nesse caso, contudo, circunscrevendo esse princípio como uma teleologia específica capaz de orientar uma ideia de individualidade nacional. Esse constructo filosófico mediado fornecerá a Georg Gervinus matéria para colocar essa individualidade a

Revista Anthesis: V. 6, N. 12, p. 12-15, (jul. – dez.), 2018

serviço de uma ideologia nacional posteriormente. Dessa forma, uma ideia de história esclarecida descaracterizava-se ao seguir para as especificidades de uma história nacional, e, assim, “afunilando-se, por fim, no mito literário segundo o qual precisamente os alemães estariam qualificados para serem os verdadeiros sucessores dos gregos [...]” (1994, p.10). Fundamentada filosoficamente essa posição, Jauss tratará das consequências dessa primeira fase da história da literatura nos seus desdobramentos e recusas posteriores em outras teorias e escritas da história, como a historiografia positivista da literatura - utilizando métodos das ciências naturais na pesquisa em história da literatura -, a história do espírito - buscando a recorrência de características supratemporais nesse campo -, e a história da literatura marxista – fundamentada na tese do espelhamento da realidade social na obra –. Dessa última historiografia, o problema causal fundamental para a impossibilidade do espelhamento entre sociedade e literatura, segundo o autor, é a forma incerta como “a literatura admite ser remontada a fatores do processo econômico, pois a mudança estrutural dá-se com muito maior lentidão na ‘infraestrutura’ do que na ‘superestrutura’ [...]” (JAUSS, 1994, p.16). Além da presença reduzida de elementos verificáveis na infraestrutura, acrescenta-se o fato de que somente uma parte da produção literária é atravessada pela influência de acontecimentos históricos de uma época, e essa parte não necessariamente está vinculada às obras literárias de grande expressão, podendo, pelo contrário, haver mais efeitos naquelas obras mais enquadradas ao gosto da sociedade. Essa dinâmica incerta da literatura acaba proporcionando outro problema para a crítica marxista, pois ao valorar uma obra somente a partir de sua força testemunhal, acaba impelida a recusar inovações formais, e, com isso, assumir categorias de análise da estética classicista.

Das problemáticas conceituais da história da literatura marxista, Jauss passa aos problemas da análise diacrônica no plano teórico dos formalistas russos, explicitando como uma teoria voltada para a forma do texto, enfocada na produção, tentou resolver o problema da relação de um texto com os demais. Negando o aspecto evolutivo da história, acusando-o de metafísico, os formalistas desenvolveram uma concepção para sua teoria envolta na admissão da simultaneidade das tendências literárias, nessa disputa de forças uma determinada forma se colocaria ao centro do sistema literário e “na camada inferior, a construção de novas formas, as quais conquistam o lugar das antigas, adquirem a dimensão de um fenômeno de massa, e, por fim, são elas próprias compelidas de volta à periferia” (JAUSS, 1994, p.20).

Exposta uma análise da historiografia da história da literatura, que, muitas vezes, se confunde com interesses da sociologia da literatura, o autor propõe algumas teses como princípios basilares para escrita de uma nova história da literatura que possua relevância para o cenário intelectual contemporâneo. Para isso, o enfoque desloca-se da produção e da representação, como na história da literatura formalista e marxista, e parte para o leitor (receptor). Os fatores necessários para a produção dessa história são uma análise diacrônica (contexto de recepção da obra), sincrônica (sistema de referências de obras da mesma temporalidade) e com o desenvolvimento do processo histórico geral. Esses fatores, que apontam para a descoberta de muitos elementos, ainda possibilitam, e essa é uma centralidade na obra de Jauss, para uma compreensão das distintas respostas e perguntas que um texto realiza para seus leitores ao longo da história. É nessa busca pela compreensão das perguntas e respostas que as motivações de uma história da literatura deve estar assentada.

Apesar de um texto breve, Jauss constrói uma argumentação consistente sobre princípios norteadores que possibilitem uma reconfiguração do campo da história da literatura mesmo após os ataques e questionamentos que esse sofreu no último século. Nessa argumentação, sobressai o ponto a respeito da mediação que a escrita da história da literatura recuperaria entre o último leitor e as perguntas e respostas compreendidas da obra por leitores de outras temporalidades. Pois, se uma história da literatura se preocupasse somente em recuperar as perguntas e respostas do último leitor, aquele contemporâneo da escrita dessa história, ela, caso situada em uma sociedade como a ocidental do século XXI – a nossa –, endossaria ainda mais uma posição narcisista desse sujeito do novo milênio. Recuperar perguntas e respostas dos leitores passados também é permitir o deslocamento da experiência, ainda que artificial – mas não seria esse um dos mecanismos da ficção? –, para a preocupação e observações de sujeitos em temporalidades e culturas variadas. Recuperar essas leituras do passado também poderia mostrar-nos que o presente não é um tempo que condensa todos os anteriores, como uma tradição iluminista pensou, mas, sim, uma temporalidade que esvaziou de significados outras, as destruiu, ou as apagou ou as introjetou de tal forma que as naturalizou como uma condição em si da humanidade.

O segundo ganho em constituir uma historiografia nesses princípios é mostrar constantemente o poder de renovação de uma obra literária para as novas gerações ao

recuperar interesses da contemporaneidade na história da literatura. Escrever uma história nesses moldes seria praticamente como criar um gênero, tamanho o enraizamento de uma história positivista na composição do campo literário. Esse escrever e reescrever a história de uma literatura – evidente já no campo da história e da tradução – do ponto de vista do leitor talvez fosse o passo necessário para revitalizar o interesse na literatura e colocá-la ao centro do debate intelectual novamente. Colocada nesses termos, a história da literatura passaria de entretenimento para missão. Então caberia perguntar: Na tradição literária brasileira há muitas missões, mas em uma época de racionalidade econômica em todas as esferas da sociedade, caberia uma nova missão para a literatura? Uma resposta afirmativa cabe ao debate. Em uma sociedade unidimensional, só o multiplicar de experiências poderá constituir um campo de transformação. Após o fim da história, talvez não seja melhor dedicar-se ao estado, como queria Hegel, e sim voltar à literatura e à experiência de outros leitores.

REFERÊNCIAS

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994. 78p.